

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

C-EMOS 2015

MAR DO CARIBE, OUTUBRO DE 1962:

O Poder Naval norte-americano salvou o mundo de uma guerra nuclear ?

Rio de Janeiro

2015

C-EMOS 2015

MAR DO CARIBE, OUTUBRO DE 1962:

O Poder Naval norte-americano salvou o mundo de uma guerra nuclear ?

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: C-EMOS 2015

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC JOSÉ PAULO MACHADO DE AZEREDO JUNIOR

MAR DO CARIBE, OUTUBRO DE 1962:

O Poder Naval norte-americano salvou o mundo de uma guerra nuclear ?

Rio de Janeiro

2015

CC JOSÉ PAULO MACHADO DE AZEREDO JUNIOR

MAR DO CARIBE, OUTUBRO DE 1962:

O Poder Naval norte-americano salvou o mundo de uma guerra nuclear ?

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG(RM1) Marcelo Augusto da Cunha Porto

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

## RESUMO

Em outubro de 1962, a descoberta, por parte dos Estados Unidos da América, da construção de uma base militar em Cuba, com capacidade para lançar mísseis com ogivas nucleares, deu início a uma crise internacional sem precedentes. O presente trabalho aborda a ótica norte-americana da questão, procurando contextualizar o episódio, conhecido como Crise dos Mísseis, em um mundo sob a ameaça das armas nucleares e em um país com uma sociedade onde o acesso à informação era amplamente disponível e que contava com uma Marinha muito bem preparada e balanceada.

Em um mundo bipolar, onde os EUA, comandados pelo presidente John Fitzgerald Kennedy, enfrentaram a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, comandada pelo primeiro-ministro Nikita Khrushchev, o mundo esteve muito próximo de um confronto nuclear de proporções inimagináveis.

O propósito desta monografia é verificar se, em um cenário de risco de confronto nuclear, o emprego do Poder Naval ainda permanece válido. Para responder à pergunta, foi feito um estudo de caso abordando a Crise dos Mísseis, onde concluiu-se que o emprego do Poder Naval ainda permanece válido.

**Palavras-chave:** Crise dos Mísseis, Poder Naval, Estados Unidos da América, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, John Fitzgerald Kennedy, Nikita Khrushchev.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>4</b>  |
| <b>2. A ESTRATÉGIA NUCLEAR ENTRE 1945 E 1962.....</b>                | <b>6</b>  |
| <b>3. OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA) NOS ANOS 1940-1962.....</b> | <b>15</b> |
| <b>4. A MARINHA DOS EUA NOS ANOS 1945-1962.....</b>                  | <b>20</b> |
| <b>5. A CRISE DOS MÍSSEIS (1962) .....</b>                           | <b>24</b> |
| <b>6. CONCLUSÃO.....</b>   | <b>30</b> |

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### ANEXO

## 1. INTRODUÇÃO

“A guerra é a continuação da política por outros meios.”  
Clausewitz

O propósito do presente trabalho é, por meio de um estudo de caso sobre a Crise dos Mísseis de Cuba (1962), entender os aspectos que explicam as ações e reações que ocorreram no nível político dos Estados Unidos da América (EUA) no episódio e, a partir da compreensão das causas dessas ações e reações, responder se em um cenário de risco de confronto nuclear, o emprego do Poder Naval ainda permanece válido.

Para atingir o propósito, iniciarei o desenvolvimento analisando as doutrinas de emprego do armamento nuclear no período posterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) até a Crise dos Mísseis (1962). Ficará claro, após a leitura do capítulo, que não houve um posicionamento único sobre como reagir militarmente às crises do período, tendo em vista as dúvidas que permaneciam sobre a viabilidade do emprego do armamento nuclear, inicialmente, só disponível para os EUA.

No capítulo 3, descrevo superficialmente a sociedade estadunidense no período de 1940 a 1962, com ênfase na luta pelas liberdades civis e numa primeira revolução da informação, mostrando que a população tinha acesso a um significativo número de informações por causa dos meios de comunicação, com a consolidação das televisões em particular, e pela liberdade de expressão que havia no país.

O capítulo 4 dará um panorama da Marinha dos Estados Unidos da América (USN) no período de 1945 a 1962, abordando sua situação ao final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e as dificuldades encontradas para a obtenção de créditos orçamentários para manter e expandir seu poder de combate, face ao crescente entusiasmo pelo poder aéreo e à escassez de recursos.

O capítulo 5 trata da Crise dos Mísseis (1962), onde são descritas as possibilidades de ação por parte do governo estadunidense, as dificuldades provenientes da falta de informações precisas, a necessidade de se justificar perante a opinião pública nacional e internacional e a decisão efetivamente tomada.

A conclusão começa costurando as considerações expostas nos capítulos 2 a 5, interligando-as de forma a explicar o *Zeitgeist*<sup>1</sup> no qual a Crise dos Mísseis (1962) esteve inserida, e termina respondendo à pergunta proposta nesta introdução e ao subtítulo deste trabalho.

Ao responder à pergunta proposta, o presente trabalho apontará os elementos que justificaram a opção pelo emprego do Poder Naval no caso estudado, podendo servir de subsídios para futuras decisões onde as condições sejam semelhantes, o que garantirá sua relevância para a Marinha do Brasil.

---

<sup>1</sup>. *Zeitgeist* é um termo alemão cuja tradução significa espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos.



## **2. A ESTRATÉGIA NUCLEAR ENTRE 1945 E 1962**

Em 06 de agosto de 1945, os Estados Unidos da América lançaram uma bomba de urânio sobre a cidade de Hiroshima, no então Império do Japão, dando início à era dos armamentos nucleares. Em situação real de combate, tais armamentos só foram empregados mais uma vez, três dias depois, quando outra bomba, desta vez de plutônio, foi lançada contra a cidade de Nagasaki, no mesmo Império.

A guerra na Europa havia terminado com a rendição da Alemanha em 8 de maio de 1945. Os bombardeios nucleares estadunidenses contra o território japonês e a declaração de guerra dos soviéticos aos japoneses fizeram com que o Imperador Hiroito se rendesse, pondo fim à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Os eventos de 1945 mostraram o sucesso da estratégia militar aliada, porém, aos olhos do ocidente, somente a metade da Alemanha estava livre e a Europa Oriental e a Polônia se encontravam sob a influência ditatorial soviética (PARET, 2003).

O mês de setembro de 1945 traz o final de uma guerra que deixou a Europa e o Japão arrasados, a União Soviética com um Exército em condições de ameaçar seriamente as potências europeias e os EUA como a única potência nuclear, sob a presidência de Harry Truman (1945 a 1953). A exclusividade estadunidense, no que se referia aos armamentos nucleares, era uma vantagem incontestável, mas seria ingênuo supor que a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas não estivessem trabalhando duro para dispor de seus próprios armamentos nucleares. O tempo logo se encarregaria de confirmar tal fato, mas a pergunta que os norte-americanos precisavam responder no momento era o que fazer com a vantagem nuclear, enquanto fosse exclusiva nesse mundo que se desenhava entre as duas grandes potências. A este respeito, nos falou Kissinger:

O dilema do período nuclear pode, entretanto, ser definido como segue: a enormidade das modernas armas faz a reflexão sobre a guerra repugnante, porém, a recusa de correr algum risco pode dar à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas um cheque em branco. Em um momento em que nós nunca fomos tão fortes, temos que aprender que se o poder não estiver claramente relacionado com os objetivos para os quais deve ser empregado, pode apenas paralisar a vontade. Não há tarefa mais urgente para a política americana do que aplicar nossa energia de acordo com as questões para as quais estamos mais propensos a ter de lidar (KISSINGER, 1969, pg. 4, tradução nossa)<sup>2</sup>.

A estratégia nuclear inicia apoiando-se nos teóricos do bombardeio aéreo estratégico dos anos 1920/30, que caracterizavam como alvos relevantes os centros políticos e econômicos do inimigo. Peter Paret (2003) nos ensina que as experiências da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), inicialmente, demonstraram que a capacidade de infligir danos poderia estar superestimada, tendo em vista que os bombardeiros nem sempre conseguiam penetrar as defesas adversárias e a população civil provou ser mais resiliente do que se supunha. O poder aéreo confirmava ser um importante instrumento de desgaste, mas não de choque decisivo, incapaz de trazer a vitória. A bomba atômica surge como o poder de destruição necessário para transformar o desgaste em vitória por meio do bombardeio estratégico.

O bloqueio de Berlim<sup>3</sup> (1948-1949), trouxe as bombas atômicas aos planos de guerra dos estadunidenses e o primeiro teste atômico soviético, em 1949, indicava que o fim da exclusividade atômica norte-americana estava próximo (PARET, 2003). Como resposta à perspectiva de aquisição de artefatos nucleares pelos soviéticos, foi autorizado o desenvolvimento da bomba termonuclear, de muito maior capacidade, cuja estimativa era manter a dianteira para os norte-americanos até o final dos anos 1950.

---

<sup>2</sup>. No original : “The dilemma of the nuclear period can, therefore, be defined as follows: the enormity of modern weapons makes the thought of war repugnant, but the refusal to run any risks would amount to giving the Soviet rulers a blank check. At a time when we have never been stronger, we have had to learn that power which it is not clearly related to the objectives for which it is to be employed may merely paralyze the will. No more urgente task confronts American policy than to bring our power into balance with the issues for which we are most likely to have to contend.” (KISSINGER, 1969).

<sup>3</sup>. O Bloqueio de Berlim ocorreu entre 24 de junho de 1948 e 11 de maio de 1949. Neste período a União Soviética interrompeu o acesso ferroviário, hidroviário e rodoviário à cidade de Berlim Ocidental, tentando forçar as potências ocidentais a abandonarem a cidade. Em resposta, os Aliados empreenderam a ponte aérea de Berlim, que conseguiu manter os suprimentos à cidade durante o bloqueio.

A Guerra da Coreia (1950-53) ocorre em um contexto de presença de armas nucleares, mas foi um conflito convencional. O desgaste provocado pelo conflito em função dos custos e a pressão da opinião pública, considerando seu resultado inconclusivo, despertou nas nações ocidentais a ideia de que a dissuasão nuclear deveria ser fomentada, na medida em que era mais barata do que a guerra convencional (PARET, 2003).

Dwight D. Eisenhower (1953 a 1961), que havia sido o Comandante Supremo das Forças Aliadas no Dia D<sup>4</sup>, assume a presidência dos Estados Unidos da América recebendo um legado ambíguo de Truman. Por um lado, os norte-americanos ainda estavam em vantagem no que se referia à capacidade nuclear, mas por outro, estavam obrigados a reforçar a presença de forças convencionais na Europa, para dissuadir os soviéticos de usarem suas novas armas nucleares. Resumidamente, a única função das armas nucleares era dissuadir seu emprego por parte do inimigo, e a pretensa superioridade nuclear norte-americana poderia ser uma contraposição às vantagens soviéticas da geografia e da mobilização de recursos humanos, extensamente propaladas por Mackinder<sup>5</sup> em seus estudos sobre o *heartland* e as vantagens de quem o ocupasse (PARET, 2003).

Em 30 de outubro de 1953, o Presidente Eisenhower aprovou a Revisão da Política Básica de Segurança Nacional (NSC-162/2), dando início ao “*New Look*” que, em termos gerais, aponta a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) como principal ameaça aos Estados Unidos da América (EUA); lista as principais capacidades soviéticas de infligir danos ao território norte-americano; estima as pretensões de expansão territorial

---

<sup>4</sup> No vocabulário militar, o Dia D indica o dia que um ataque ou operação deverá ser iniciado. No dia 6 de junho de 1944, tropas aliadas desembarcaram na Normandia, uma região no norte da França, abrindo uma nova frente de combate na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A operação militar que se iniciou neste dia foi o maior assalto anfíbio da história e, pela sua importância para o desenvolvimento da Guerra e ações posteriores, ficou conhecido como Dia D.

<sup>5</sup> Halford John Mackinder formulou a teoria do Heartland, que influenciou vários estrategistas. Mackinder situou o Heartland na zona territorial que abrange os continentes europeu e asiático, e que recebe a denominação de Eurásia ou Ilha Mundial. Para ele, um acordo entre Rússia e Alemanha tornaria esses Estados aptos a ameaçar o equilíbrio de forças no continente eurasiático, o que provocaria uma transformação das relações de poder no mundo.

soviéticas, baseando-se nos princípios de união dos proletários da ideologia Marxista<sup>6</sup> e descreve quais ações serão tomadas em caso de agressão por parte do inimigo contra território norte-americano, países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte<sup>7</sup> (OTAN) e alguns outros aliados estratégicos. Essas ações foram divulgadas em janeiro de 1954, por meio de um discurso do Secretário de Estado estadunidense, John Dulles, no que ficou conhecido como a estratégia da “retaliação maciça”, declarando que a capacidade nuclear de retaliar dos EUA dissuadiria qualquer tentativa de agressão. Esse fato foi interpretado como uma ameaça de destruição de alvos estratégicos na China e na União Soviética (FRIEDMAN, 2007).

Os princípios do “*New Look*” eram :

- O uso do poder aéreo contra a ex-URSS por meio de bases em território estrangeiro;
- O uso de armas nucleares, e a manifestação clara de que os Estados Unidos da América estarão dispostos a fazê-lo por meio de sua capacidade de retaliação;
- A permanente informação à sociedade norte-americana sobre a ameaça que representa a ex-URSS, tendo em vista que uma possível guerra deveria se apoiar na capacidade da economia e do povo do norte-americanos; e
- A presença de tropas dos EUA em território europeu, como forma de demonstrar o compromisso do País com a liberdade de seus aliados europeus contra a ameaça soviética.

A adoção do “*New Look*” induziu seus aliados a se juntarem aos EUA em sua estratégia nuclear, aproximadamente na mesma época da adesão da então Alemanha Ocidental à OTAN, que não aceitaria ser uma potência de segunda classe e nem desejava que

---

<sup>6.</sup> A teoria Marxista, entre outros aspectos, pregava a união das classes operárias de todo o planeta, independentemente da nacionalidade.

<sup>7.</sup> Aliança militar intergovernamental baseada no Tratado do Atlântico Norte. Constitui-se de um sistema de defesa coletiva através do qual seus Estados-membros concordam com a defesa mútua em resposta a um ataque por qualquer entidade externa à organização.

uma futura guerra entre capitalistas e comunistas ocorresse em seu território. Considerando que as armas convencionais já não poderiam garantir segurança, isso significou a adoção de uma tendência nuclear na estrutura das forças da OTAN, com a Alemanha Ocidental inclusa. A partir de então, retroceder em tal arranjo seria difícilimo (PARET, 2003).

O trecho abaixo esclarece a dificuldade da manutenção da estratégia de retaliação maciça dentro do “*New Look*”:

Caso os comunistas desafiem nossa sinceridade, e eles têm boas razões para tentar, poderíamos reagir ou não. Ao reagir, estaríamos definitivamente envolvidos pelos horrores inimagináveis de uma guerra nuclear. Não reagir implicaria em uma enorme perda de prestígio e conseqüente perda de capacidade dissuasória contra agressões futuras (KAUFMANN, 1956, pg. 24, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Em um primeiro momento do governo Eisenhower (1953 a 1961), os EUA se baseavam na sua quase exclusividade nuclear. Na medida em que a ex-URSS desenvolveu seu próprio arsenal nuclear e de que esse arsenal pudesse causar sério dano aos norte-americanos e seus aliados, passou a deixar de fazer sentido falar em retaliação, tendo em vista que a destruição causada por um primeiro ataque soviético, mesmo que retaliada pelos estadunidenses, teria condições de causar destruição inaceitável. Peter Paret (2003) avaliou que, tendo em vista os altos custos políticos que a retaliação maciça trazia, o governo norte-americano se viu obrigado a rever sua estratégia já em 1956, lançando o novo “*New Look*”. Essa nova estratégia questionava se haveria vencedores em um conflito nuclear e se os Estados Unidos da América, realmente, empregariam seu arsenal nuclear em caso de agressão contra um aliado.

---

<sup>8</sup>. No original : “ If the Communists should challenge our sincerity, and they would have good reasons for daring to do so , we would either have top ut up or shut up. If we put up, we would plunge into all the immeasurable horrors of an atomic war. If we shut up, we would suffer a serious loss of prestige and damage our capacity to establish deterrents against further Communist expansion.” (KAUFMANN, 1956).

A ideia original dos estrategistas norte-americanos era que uma nova Guerra Mundial se iniciaria com um ataque surpresa dos soviéticos ao País, reforçada pela memória de Pearl Harbor. Essa ideia estabeleceu um círculo vicioso em torno do que esses estrategistas pensavam, pois quanto maior a capacidade do arsenal nuclear dos Estados Unidos da América, mais próxima de uma destruição total ficaria a guerra resultante, mais difícil seria a decisão política de deflagrá-la, tornando necessária uma agressão inicial cada vez maior para que a reação fosse justificada, diminuindo, por conseguinte, as possibilidades de retaliação para agressões de baixa intensidade. O vácuo na baixa intensidade gerado pelo aumento da capacidade nuclear dos EUA proporcionou o espaço onde a União Soviética pode desenvolver sua estratégia de procurar objetivos menores com pequenos incrementos, evitando uma guerra-total, testando o limite a cada novo movimento e neutralizando psicologicamente os avanços na tecnologia nuclear norte-americana, cada vez maiores e cada vez menos adequados a se contrapor a ameaças de baixa intensidade (KISSINGER, 1969).

A reformulação do “*New Look*” passou a ser necessária na medida em que o arsenal soviético aumentava, mas os questionamentos sobre como deveria ser feita continuavam. Numa primeira abordagem, a volta à política anterior ao “*New Look*”, de fortalecimento do armamento convencional, seria o adequado. Contudo, esse fortalecimento do armamento convencional implicaria em gastos significativos, impactando a área econômica e correria o risco de desacreditar os armamentos nucleares, com sérios reflexos na área política. Inicialmente, pensou-se em armas nucleares táticas, a serem empregadas nos campos de batalha com pequena energia e alcance curto. As dificuldades em se restringir o alcance de seu raio de destruição e os efeitos da radiação residual não permitiriam que seu emprego fosse limitado e preciso, o que fez com que a possibilidade de seu emprego real fosse descartada. Além disso, nada impediria que o uso de um armamento nuclear tático não fosse o catalisador

para o emprego de armamentos nucleares estratégicos. Entretanto, como compromisso com os aliados, significativa quantidade destes armamentos foi deixada em solo europeu.

As ideias a respeito de um ataque preemptivo<sup>9</sup>, que pudesse aniquilar a capacidade do inimigo antes que ela pudesse ser empregada, ainda no solo, passa a ganhar força neste momento, sob o patrocínio dos teóricos do bombardeio aéreo estratégico, tendo em vista o aperfeiçoamento das tecnologias de vigilância e de designação de alvos, o que poderia aumentar as possibilidades de sucesso de um ataque contra as forças nucleares inimigas antes de serem utilizadas.

Nesse contexto, Albert Wohlstetter<sup>10</sup> introduziu os conceitos de Primeiro Ataque e Segundo Ataque, que serão muito utilizados a partir de então. Resumidamente, a capacidade de um Primeiro Ataque deveria estar ligada a um ataque que destruísse ou neutralizasse os meios de retaliação do inimigo, inviabilizando a possibilidade de que este inimigo pudesse utilizá-los. O conceito de Segundo Ataque estava apoiado na capacidade de absorver um Primeiro Ataque, mantendo após este ataque capacidade suficiente para uma retaliação devastadora, de modo que a opção por este Primeiro Ataque se tornasse inaceitável (PARET, 2003).

O Presidente Eisenhower recebeu o relatório Gaither<sup>11</sup> logo após o lançamento do Sputnik<sup>12</sup> (1957), pela ex-URSS. Tal relatório indicava que o futuro seria uma constante corrida entre a ofensiva e a defensiva nas armas nucleares, e que nenhum dos dois lados poderia deixar o outro se adiantar muito tecnologicamente, criando um equilíbrio instável. A

---

<sup>9</sup>. Termo emprestado da ciência da computação, relacionado com o desencadeamento de uma reação em função de uma ação que se espera, mas que ainda não ocorreu ou ainda não foi concluída.

<sup>10</sup>. Albert Wohlstetter, "The Delicately Balanced Balance of Power", *Foreign Affairs* 37, n.2 (janeiro de 1959)

<sup>11</sup>. O relatório Gaither foi o resultado de um projeto de reestruturação institucional encomendado pela Fundação Ford a um comitê chefiado por H. Rowan Gaither Jr., para propor respostas aos enfrentamentos da Guerra Fria, especialmente na área cultural. A Fundação Ford se comprometia, a partir dele, com a formação de uma elite política e intelectual que pudesse conduzir um processo de modernização econômica, social e comportamental, por meio da reconstrução do sistema de ensino e do mundo acadêmico, com ênfase nas disciplinas de economia, ciências sociais e relações internacionais.

<sup>12</sup>. Programa que produziu a primeira série de satélites artificiais soviéticos.

tecnologia para o engajamento dos mísseis em voo ainda não era eficiente e tal fato, aliado aos Mísseis Balísticos Lançados por Submarinos Nucleares, que se incorporaram recentemente aos arsenais, agiram como os fatores que trariam estabilidade a este equilíbrio. Se as populações civis ainda não estavam protegidas de um possível ataque, pelo menos os mísseis dos submarinos poderiam garantir a retaliação (PARET, 2003).

O governo do presidente John Fitzgerald Kennedy (1961-1963) se inicia e ele escolhe para Secretário de Defesa o jovem Robert McNamara. Conforme Peter Paret (2003) nos relata, McNamara tinha a intenção de empregar todos os esforços para proteger a população civil em caso de um ataque nuclear, entretanto, logo ficou convencido de que tais esforços seriam pouco eficazes, podendo até provocar alguma ação do inimigo, que desconfiaria sobre a razão tantos investimentos em defesa da população civil (Será que estão preparando um ataque e se defendendo do contra-ataque?). Surge, nesse contexto, o conceito da Mútua Destruição Assegurada, definida como “Manutenção de uma capacidade clara e indiscutível de impor grau de destruição inaceitável aos agressores, por parte dos Estados Unidos da América, mesmo depois de receber um primeiro ataque” (ENTHOVEN e SMITH, 2005).

Como exposto neste capítulo, a Estratégia Nuclear dos Estados Unidos da América surge com o lançamento da bomba nuclear durante a Segunda Guerra Mundial e pode ser dividida em dois períodos bem distintos. Em um primeiro período, antes da ex-URSS conseguir desenvolver seus próprios armamentos nucleares em quantidade suficiente, os EUA se basearam na estratégia de retaliação maciça, baseando-se em sua superioridade nesta área para dissuadir os soviéticos sobre qualquer conflito, mesmo que de baixa intensidade. Após a ex-URSS alcançar um nível em que seu arsenal nuclear, apesar de menor, pode causar significativos danos aos EUA e aos seus aliados, a estratégia estadunidense alterou seu foco, voltando a incrementar seu armamento convencional para ser empregado em conflitos de



baixa intensidade e tentando manter dianteira na corrida tecnológica em tudo o que se referia ao emprego do armamento nuclear em sentido amplo.

Assim que a URSS adquiriu armas nucleares – quatro anos depois de Hiroxima no caso da bomba atômica (1949), nove meses depois dos EUA no caso da bomba de hidrogênio (1953) – as duas superpotências claramente abandonaram a guerra como instrumento de política, pois isso equivalia a um pacto suicida... Contudo, ambos usaram a ameaça nuclear, quase com certeza sem intenção de cumpri-la, em algumas ocasiões: Os EUA para acelerar as negociações de paz na Coreia e no Vietnã (1953, 1954) e a URSS para forçar a Grã-Bretanha e a França a se retirarem de Suez em 1956 (HOBSBAWN, 1995, pg. 227).

Vale ressaltar que o interesse dos EUA não se restringe ao seu território, onde o problema militar seria menos complexo, tendo em vista a distância envolvida entre os EUA e a ex-URSS, mas, principalmente, aos seus aliados europeus, membros da OTAN e beneficiários do Plano Marshall, com os quais os EUA tinham diversos compromissos, sendo o principal deles o de ser o líder do mundo capitalista, que sofreria sério abalo caso os comunistas prosperassem na Europa ocidental, seja pelas ideias ou pelas armas.

A medida que a corrida tecnológica avança na década de 1950, a retaliação maciça dá lugar a outras estratégias, passando pelo Primeiro e Segundo Ataques até a Mútua Destruição Assegurada. Essas estratégias vão se adaptando até chegar o momento onde os Submarinos Nucleares Lançadores de Mísseis Balísticos estabeleceram-se como garantia de que haveria retaliação em caso de ataque.

O próximo capítulo irá descrever a sociedade norte-americana entre os anos 1940 e 1960, quais eram as principais questões que estavam em discussão e como era o engajamento político dessa sociedade nas relações externas, com o objetivo de entender como essa sociedade foi determinante para a resposta político-militar dos EUA no episódio conhecido como Crise dos Mísseis (1962).

### **3. OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA) NOS ANOS 1940-1962**

A década de 1940 começa com os Estados Unidos da América ainda se restabelecendo dos efeitos da Grande Depressão de 1929 por meio do “New Deal”, que foi um conjunto de medidas para recuperar e reformar a economia do país. A Crise de 1929 contribuiu significativamente para o afastamento dos EUA dos negócios internacionais, em uma espécie de volta à política isolacionista anterior à Grande Guerra (1914-1918). Os estragos causados na Europa foram ainda maiores, e a sociedade norte-americana associaria às instituições democráticas recém-criadas na Europa do pós Grande Guerra (1914-1918) o caos instalado, permitindo a ascensão de regimes totalitários no continente (ARENDDT, 2011).

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) já estava em andamento, mas os EUA, em consonância com sua histórica postura isolacionista, retardaram o quanto puderam sua entrada no conflito, pois pretendiam preservar sua neutralidade face ao que parecia ser mais uma das disputas europeias. Apesar da opinião pública e do Congresso estadunidenses preferirem se manter afastados do conflito, a avaliação do governo norte-americano indicava, desde 1939, que seria extremamente prejudicial aos Estados Unidos da América se a Europa caísse nas mãos da Alemanha (PECEQUILO, 2003). O gatilho que fez com que os EUA entrassem no conflito foi o ataque da Marinha Imperial Japonesa à base norte-americana de “Pearl Harbor”, em 7 de dezembro de 1941, que mostrou, de forma decisiva, que uma postura isolacionista não preservaria o país de um conflito de escala global. Ao entrar na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) em 1941, os Estados Unidos da América voltam ao cenário internacional, à semelhança do ocorrido na Grande Guerra (1914-1918), só que dessa vez estavam militarmente muito mais preparados, e não pretendiam sair mais do cenário internacional.

A luta contra as potências do Eixo exigiu que os EUA se mobilizassem totalmente nos campos ideológico e econômico. A primeira tarefa foi neutralizar qualquer tipo de oposição

interna, e para isso o Ato Smith<sup>13</sup> de 1940 foi muito útil. O Presidente Roosevelt (1933-1945) expressava que os objetivos da entrada do país na Segunda Guerra Mundial eram a defesa das “quatro liberdades”, a saber: expressão, religião, segurança econômica e democracia. Em troca do apoio dos sindicalistas ao esforço de guerra, para garantir que não haveria greves, a sindicalização foi oficialmente apoiada, o que acarretou um aumento de mais de 30% de sindicalizados, além de diversas melhorias para mulheres, negros e imigrantes (KARNAL, 2007). Muito elucidativo a este respeito são as palavras de Pazzinato e Senise:

Para o cidadão médio norte-americano, a elevação do padrão de vida propiciada pela aceleração econômica renovou os princípios do *American Way of Life*, que ele incorporou, passando a defendê-lo intensamente contra qualquer suposta ameaça. Com isso, começou a nascer no país um forte sentimento anticomunista, que cresceu ainda mais após a vitória da revolução maoísta na China e da explosão da primeira bomba atômica soviética, ambas em 1949 (PAZZINATO e SENISE, 1999, pg 289).

Lippmann (1943) nos ensina que os Estados Unidos da América deveriam abandonar sua postura de isolacionismo, ou insolvência, como preferia dizer, pois sua participação no Sistema Internacional aumentava cada vez mais. Era fundamental construir um consenso interno sobre a política externa, onde os objetivos deveriam ser o desenvolvimento das forças armadas, a definição da posição estratégica e a escolha das alianças com a escolha de parceiros e objetivos preferenciais, estabelecendo suas fronteiras estratégicas e direcionando recursos para sua proteção, a fim de garantir a segurança nacional.

O governo Harry Truman (1945 a 1953) se inicia após a morte de Roosevelt, e começa a construir mais ativamente a ordem que se estabeleceria em um pós-guerra onde a Europa estava destruída, a economia dos Estados Unidos da América foi a maior beneficiária e a ex-URSS emergia do conflito como a outra superpotência, também favorecida pelo declínio europeu.

---

<sup>13</sup> O Ato Smith foi uma medida do Congresso dos EUA que exigiu que todos os adultos não-residentes se registrassem junto às autoridades policiais e de imigração. Estabelecia sanções penais para quem defendesse a derrubada do governo.

Para consolidar a construção dessa ordem, o governo norte-americano estabeleceu a Doutrina Truman (1947), que era na realidade uma doutrina de contenção da expansão soviética comunista, depois que o Governo Britânico afirmou que não poderia mais prover assistência militar e econômica ao Governo Grego, em sua Guerra Civil contra o Partido Comunista da Grécia. Pela Doutrina, os Estados Unidos da América proporcionariam assistência econômica, militar e política para todas as nações democráticas sob ameaça interna ou externa de forças autoritárias, reorientando a política externa dos EUA, deixando uma linha isolacionista e não-intervencionista para uma linha intervencionista (EUA, [2010?]). Fruto desta doutrina surgiu o Plano Marshall (1948), que regulou a ajuda econômica dos norte-americanos para a reconstrução da Europa e, principalmente, da Alemanha Ocidental, como forma de conter a expansão soviética em solo europeu, eliminando as condições domésticas que poderiam facilitar o surgimento de ideologias contrárias aos seus interesses. Foram aplicados 17 bilhões de dólares em mais de dez países europeus, mas nenhum país do bloco socialista aceitou a ajuda (PAZZINATO e SENISE, 1999). Sobre isso, McDougall (1997, citado por PECEQUILO, 2003) afirma que, nessa nova ordem, os EUA tentaram formar um mundo à sua semelhança, imbuído de seus valores de democracia e liberdade, no que ficou conhecido como o “imperialismo do bem-estar”.

Além dos avanços sociais proporcionados aos trabalhadores e às minorias durante o governo Roosevelt (1933-1945), ainda como parte de um esforço de produção para a guerra, os efeitos da Doutrina Truman (1947) também influíram no campo interno. Surge, a partir deste momento, uma sociedade norte-americana onde os trabalhadores adquiriram um padrão de vida bem superior aos dos demais países do mundo, onde as minorias (mulheres, negros e imigrantes) tinham mais direitos do que em qualquer outro lugar, onde os valores de liberdade e democracia eram uma realidade e onde foi construído um inimigo visceral, os comunistas,

no melhor estilo do choque de civilizações de Samuel Huntington<sup>14</sup>, onde a construção do “eu” passa pela negação do “outro”.

A década de 1950 começa com a disseminação de um eletrodoméstico que iria revolucionar a sociedade norte-americana: a televisão. Segundo Karnal (2007), o PIB<sup>15</sup> cresceu duas vezes e meia entre 1945 e 1960, com base nas atividades industriais, o que acarretou em uma maior concentração da população nos centros urbanos, onde o acesso aos meios de comunicação em massa eram maiores. O número de lares com televisores crescia velozmente, alcançando a marca de mais de 80% dos domicílios ao final da década de 1960. A liberdade de expressão, associada ao maior acesso às informações e à concentração de pessoas nos centros urbanos fez surgir, neste momento, diversos movimentos sociais com reivindicações que estavam latentes durante muito tempo. Ressalta-se o movimento feminista e o movimento sobre os direitos civis para os afro-americanos.

Essa sociedade, com amplo acesso à informação, imbuída de ideais de liberdade e com parcela significativa engajada em lutas por direitos civis, acompanhava também o que acontecia na política externa do país, onde o inimigo estava claramente definido. Havia ainda, além deste inimigo, um grande temor de um conflito nuclear. Ao final dos anos 1950, o cidadão norte-americano passa a acreditar mais fortemente no valor e na importância de se respeitar o limite entre o emprego de armamentos convencionais e nucleares, e a temer o uso de armamentos nucleares (WALTZ, 2009).

A menos de duzentos quilômetros da costa do Estado da Flórida, uma pequena ilha do Caribe passa por uma Revolução Nacionalista, em 1959. Ante a relutância do governo dos EUA em reconhecer o novo governo, o líder da revolução, Fidel Castro, radicaliza e nacionaliza a economia, transformando Cuba em um país comunista, sob a proteção da ex-

---

<sup>14</sup>. Samuel P. Huntington é o autor de uma teoria que afirma as diferenças culturais e religiosas são a principal causa dos conflitos.

<sup>15</sup>. PIB – Produto Interno Bruto é uma medida da riqueza de um país.

União Soviética, com a qual assina vários acordos comerciais. Como reação, o governo norte-americano declara um embargo comercial à ilha.

A campanha presidencial entre Kennedy e Nixon foi a primeira a ter ampla cobertura pela televisão. A jovialidade de Kennedy transmitida pela novo meio de comunicação lhe concedeu alguma vantagem junto à opinião pública. Durante a campanha, ambos os candidatos exploraram a ausência de firmeza dos Estados Unidos da América no sistema internacional, permitindo um perigoso avanço soviético. Permanecia a desagradável sensação de que o ocidente estava lentamente se tornando vulnerável ao avanço soviético, especialmente no terceiro mundo, onde a perspectiva de uma mudança no modelo econômico de forma controlada era especialmente atraente. A vitória de Kennedy promoveu um significativo aumento nos gastos de defesa, com o objetivo de reverter essa sensação de avanço soviético (PECEQUILO, 2003).

Foi essa sociedade bem informada, com acesso a diversos bens de consumo, grupos bem definidos lutando pela expansão dos direitos civis das minorias, tendo um inimigo comunista identificado e que agora possuía um aliado ideológico em sua área de influência mais próxima, e com temor de uma guerra nuclear que, em breve, veria esse risco surgir nas proximidades de seu país.

No próximo capítulo, descreverei brevemente como se encontrava a Marinha dos Estados Unidos da América no período de 1945 a 1962, enfatizando as condições materiais para seu pronto emprego

#### 4. A MARINHA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA NOS ANOS 1945 – 1962

A Marinha de Guerra dos Estados Unidos da América, ou *United States Navy* (USN), era a senhora absoluta dos mares após 1945. Apesar dessa supremacia e de seu destacado papel na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os bombardeios em Hiroshima e Nagasaki fizeram surgir, em diversos fóruns após o final do conflito, questionamentos sobre a necessidade de se investir em Forças Armadas que não fossem a Força Aérea, haja vista a destruição causada pelos bombardeios mencionados. Sobre esse assunto, Doolittle<sup>16</sup> afirmou, em novembro de 1945, no Comitê do Senado de Assuntos Militares, que:

A primeira lição da Segunda Guerra Mundial, continuou Doolittle, “é que não se pode perder uma guerra se você tem o comando do ar, e não se pode ganhar se não se tem.” Ele concordou que a aviação naval deveria permanecer sob o controle naval, mas insistiu que o navio-aeródromo estava “caminhando para a obsolescência, já tendo atingido o pico de sua utilidade.” O navio-aeródromo, ele disse, tem dois atributos – “primeiro, pode se mover sobre as águas e, segundo, pode ser afundado. Quando tivermos aeronaves com alcance suficiente, não necessitaremos de navios-aeródromo.” Poucos dias depois, como para enfatizar a última observação de Doolittle, um B-29 voou sem escalas de Guam a Washington, D.C. (POTTER, 2008, pg. 408, tradução nossa)<sup>17</sup>

Um contraponto a esta visão de Doolittle nos é dado por Rose:

Com o assustador desenvolvimento da aviação e das capacidades anfíbias entre 1939 e 1945, o conceito de poder naval se expandiu para o poder que vem do mar, projetando-se sobre porções cada vez maiores e abrangentes de território... Com tantas capacidades e tecnologias em mãos, e sabendo como operá-las, a Marinha dos Estados Unidos da América, ao final da Segunda Guerra Mundial, exercia seu poder a partir do mar de forma praticamente ilimitada (ROSE, 2007, pg. 2).

---

<sup>16</sup> James Harold Doolittle (1896-1993) foi o Oficial da Força Aérea dos EUA que durante a Segunda Guerra Mundial planejou e comandou o primeiro bombardeamento de Tóquio no conflito (1942).

<sup>17</sup> No original : “The first lesson of World War II, continued Doolittle, “is that you can’t loose a war if you have command of the air, and you can’t win a war if you haven’t.” He agreed that carrier-based naval planes should remain under naval control but he insisted that the carrier itself was “going into obsolescence, having reached the peak of usefulness.”The carrier, he said, had two attributes – “first, it can move about, and second, it can be sunk. When we get aircraft with suficiente range, we will not need carriers.” A few days later, as if to emphasized Doolittle’s last remark, a B-29 flew non-stop the 8.198 miles from Guam to Washington, D.C.” (POTTER, 2008).

O plano Marshall (1948) surge para ajudar a reconstrução da Europa, mas diminui os recursos disponíveis para os investimentos nas Forças Armadas. A Revolta dos Almirantes<sup>18</sup> mostrou o descontentamento da Marinha norte-americana com o destino que dos recursos orçamentários, mas também, e talvez principalmente, com o encaminhamento estratégico que o nível político desenhava para as Forças Armadas, pois mesmo que a Marinha dos EUA entendesse que as guerras dali em diante acabariam com uma rendição incondicional, há que se ter em mente que depois do final da guerra, o território devastado terá que ser reconstruído. Uma Guerra Nuclear transformaria essa reconstrução, se não inviável, muito cara. A Marinha dos EUA coloca em questão qual balanço entre o convencional e o nuclear as forças armadas deveriam ter a partir daquele momento. Em época de orçamento com poucos recursos, responder a esta questão era indispensável (KISSINGER, 1969).

Além dos sempre escassos recursos orçamentários em tempo de paz, outro aspecto era desfavorável. Emergindo da Segunda Grande Guerra (1939-1945) como a Força Naval dominante, a Marinha dos Estados Unidos da América não tinha adversários no mar, além disso, a potência antagônica, por razões históricas e geográficas, não tinha tradição de possuir grandes marinhas. Sem ter um inimigo claro e definido ao qual se opor, ficava mais difícil para os almirantes defender os recursos que julgavam necessários, ainda mais por não haver um consenso sobre qual arma deveria ser priorizada, os submarinos ou os navios-aeródromo (ROSE, 2007).

Eisenhower (1953 a 1961), ao assumir o governo, afirma que os EUA não podem prescindir do braço aéreo de seu poder naval, representado pelas aeronaves embarcadas em navios-aeródromo, para que, em caso de necessidade, o inimigo possa ser atacado longe do país. A ênfase deveria ser dada na Força Aérea, na Aviação Embarcada e nos Submarinos.

---

<sup>18</sup> O evento que ficou conhecido como a Revolta dos Almirantes ocorreu em 1949 e foi uma manifestação pública de discordância por parte destes militares sobre a decisão do governo dos EUA de cancelar a construção do Navio-Aeródromo Estados Unidos.



Nesse sentido, as forças de combate seriam classificadas em cinco categorias básicas: retaliação nuclear ou forças de ataque; forças desdobradas no exterior; forças para manter as linhas de comunicação marítima abertas em tempos de crise ou emergência; forças para proteger os Estados Unidos da América, principalmente, de um ataque aéreo e forças de reserva. Ainda que o orçamento das Forças Armadas tenham sofrido declínio, foi mantido em seu governo certo equilíbrio, de modo que as Forças se mantiveram numerosas, fortes e mais efetivas do que em qualquer outro período em tempos de paz (ROSE, 2007). Esses dados mostram uma reversão da tendência de se investir somente no Poder Aéreo, tão entusiasticamente propalado e defendido no pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em especial após os ataques nucleares em Hiroshima e Nagasaki (1945).

Os principais meios navais comissionados na década de 1950, e que de certa forma nos dão a ideia do desenho estratégico da USN foram:

- USS Nautilus (1954) – Primeiro submarino de propulsão nuclear do mundo;
- USS Triton (1959) – Primeiro submarino de propulsão nuclear a realizar viagem de circunavegação submerso. Possuía dois reatores; e
- USS George Washington (1959) – Primeiro submarino de propulsão nuclear que transportava mísseis balísticos.

Além destes, ainda houve o USS Barry (1956), destróier da classe Forrest Sherman; USS Growler (1958), submarino convencional que carregava mísseis nucleares e os navios-aeródromo convencionais USS Ranger (1957), USS Saratoga (1956) e USS Independence (1959)<sup>19</sup>.

Podemos perceber que, apesar da construção de submarinos com propulsão e armamento nuclear, houve também a incorporação de navios-aeródromo e outras unidades, de

---

<sup>19</sup> Dados sobre os principais meios navais, comissionados na década de 1950 pela Marinha dos Estados Unidos da América, disponíveis em <http://www.militaryfactory.com/ships/naval-warships-1950-1959.asp> - acessado em 19/06/2015.

forma a manter a Marinha dos Estados Unidos da América como uma força balanceada e capaz de cumprir as diversas tarefas a ela atribuídas, equilibrando seus vetores para atender aos requisitos de mobilidade, versatilidade, flexibilidade e permanência, comuns às marinhas com meios diversificados.

Há que se destacar que ainda restavam muitos meios produzidos para a Segunda Guerra Mundial, especialmente navios de superfície como cruzadores e destróieres, adequados para a tarefa de bloqueio naval.

Definido o *Zeitgeist*, com a compreensão de como se encontravam a USN e a sociedade norte-americana, além dos impactos que os armamentos nucleares provocavam nas relações internacionais, principalmente entre as superpotências, abordaremos, no próximo capítulo, a Crise dos Mísseis (1962).

## 5. A CRISE DOS MÍSSEIS (1962)

A Doutrina Militar de Defesa do Brasil define crise internacional político-estratégica como “estágio do conflito, entre dois ou mais Estados, em que o desencadeamento proposital de uma situação de tensão visa a alcançar objetivos político-estratégicos, por meio da manipulação do risco de uma guerra, com atitudes e comportamentos que indicam ser a situação extrema compatível com razões maiores, quase sempre ocultas ou não explicitamente declaradas” (BRASIL, 2007).

Para se chegar a uma correta compreensão sobre a Crise dos Mísseis (1962), há que se ter alguma informação sobre três outros episódios anteriores, a saber: A Revolução Cubana (1956-1959), a Instalação de Mísseis Nucleares na Turquia (1961) e a Invasão da Baía dos Porcos (1961).

Para o propósito deste trabalho, basta registrar que a Revolução Cubana (1956-1959) foi um movimento liderado por Fidel Castro que depôs o presidente cubano à época, Fulgêncio Batista. As medidas tomadas por Castro após a tomada do poder desagradaram aos EUA, sendo estas o gatilho para que o País se tornasse comunista, e passasse a contar com o apoio da ex-URSS.

A Invasão da Baía dos Porcos foi feita por cerca de mil e quinhentos exilados cubanos treinados pela CIA<sup>20</sup>, após aviões norte-americanos camuflados terem bombardeado a Força Aérea Cubana. Em dois dias, a maioria dos invasores já havia sido capturada, tendo sido exigido pelo governo cubano o pagamento de um resgate na forma de remédios e alimentos. (BLAINEY, 2011).

Sobre a Instalação de Mísseis Nucleares na Turquia, Burlatskiy comentou:

---

<sup>20</sup> CIA – Central Intelligence Agency ou Agência Central de Inteligência, que é a agência independente responsável em fornecer elementos de inteligência ao escalão político mais alto dos Estados Unidos da América.

O principal objetivo (da instalação dos mísseis em Cuba) era atingir um Equilíbrio de Poder com os EUA. Kennedy, sempre astuto, apontou este fator em sua carta de 22 de outubro de 1962, ao escrever que *‘Os Estados Unidos da América não poderiam tolerar nenhuma ação de sua parte que perturbe o atual Equilíbrio de Poder no mundo’*. Isso deixa claro que o principal objetivo de Khrushchev estava no fim da base norte americana na Turquia (BURLATSKIY, 1992, pg. 4, tradução nossa).<sup>21</sup>

A percepção da crise por parte do governo dos EUA começa com o descobrimento, por parte da Inteligência norte-americana durante voos de vigilância de rotina, da evidência instalações de mísseis soviéticos na ilha. Em 4 de setembro de 1962, o presidente Kennedy emitiu um alerta público contra a introdução de armamento em Cuba. Apesar do aviso, em 14 de outubro de 1962, aviões norte-americanos tiraram fotos que demonstraram claramente a construção de instalações de mísseis balísticos nucleares, dando início ao episódio conhecido como a Crise dos Mísseis (EUA, 2013).

Com a crise percebida pelo governo norte-americano, era necessário decidir o que fazer para enfrentá-la. A manobra de crise, processo de condução da crise que tem por objetivo conseguir uma paz vantajosa, deve transcorrer em conformidade com os interesses nacionais segundo uma sequência natural de ações e reações, divididas em desafio, desenvolvimento (reações e confrontações) e resultados finais (acordo ou conflito armado). (BRASIL, 2007).

O “desafio” compreendido pelos EUA foi a instalação dos mísseis em Cuba. Para entender as razões da ex-URSS, tendo em vista que ainda não havia instalado nenhum armamento deste tipo fora de seu território, Allison (1971), em seu modelo teórico, apresentou cinco hipóteses: Poder de Barganha, Armadilha Diversionária, Defesa de Cuba, Poder dos Mísseis ou Política da Guerra Fria. Cada uma destas hipóteses tinha um propósito, e algumas se misturavam.

---

<sup>21</sup>. No original : “The primary objective was to achieve a balance of power vis-a-vis the US. Kennedy, ever astute, made note of precisely this factor in his letter of October 22,1962: "The United States could not tolerate any action on your part which in a major way disturbed the existing over-all balance of power in the world." It is thus clear why Khrushchev attached such significance to the liquidation of the American bases in Turkey.” (BURLATSKIY, 1992).

A hipótese do Poder de Barganha se referia à retirada dos mísseis na base da Turquia. Lippmann (1962) escreveu sobre isso no “*The Washington Post*” em 25 de outubro de 1962:

O caminho é tentar negociar um acordo. O único lugar que é verdadeiramente comparável com Cuba é a Turquia, onde armas estratégicas estão próximas à fronteira Soviética... Há outra similaridade importante entre Cuba e Turquia. A base soviética em Cuba, assim como a base norte-americana-OTAN na Turquia, tem pouco valor militar.... As duas bases podem ser desmobilizadas sem alterar o equilíbrio de Poder mundial (LIPPMANN, 1962, pg.4, tradução nossa).<sup>22</sup>

A hipótese da Armadilha Diversionária sustentava que o episódio serviria como um balão de ensaio em relação ao comportamento norte-americano na questão, pois caso os EUA avançassem sobre Cuba, a ex-URSS se sentiria livre para avançar sobre Berlim Ocidental<sup>23</sup>, de forma semelhante ao que fez na Hungria em 1956.

A hipótese da Defesa de Cuba ganhou justificativa após a tentativa frustrada da invasão da Baía dos Porcos (1961).

A hipótese do Poder dos Mísseis considera que o desdobramento dos mísseis em Cuba alteraria o Equilíbrio de Poder, ainda que os EUA permaneçam na dianteira, seguramente a distância diminuiria. A proximidade proporcionada pela base de Cuba melhoraria o desempenho dos mísseis, aumentando, por conseguinte, o poder soviético, praticamente dobrando a capacidade de um Primeiro Ataque.

A hipótese da Política da Guerra Fria se relacionava com a disposição dos soviéticos defenderem aliados comunistas em qualquer lugar do mundo, trazendo enorme carga aos norte-americanos em relação aos seus aliados capitalistas, especialmente na Europa.

<sup>22</sup>. No original: “The way is to try to negotiate a face-saving agreement. The only place that is truly comparable with Cuba is Turkey. This is the only place where there are strategic weapons right on the frontier of the Soviet Union... There is another importante similarity between Cuba and Turkey. The Soviet missile base in Cuba, like the U.S ÑATO base in Turkey, is off little military value... The two bases could be dismantled without altering the world balance of power.” (LIPPMANN, 1962).

<sup>23</sup>. Em 10 de novembro de 1956, o primeiro ministro soviético, Nikita Khrushchev, proferiu um discurso onde pedia a retirada das tropas estadunidenses, britânicas e francesas de Berlim, dentro de um período de seis meses. O ultimato não foi cumprido, mas houve uma série de ações que culminaram com a construção do muro de Berlim, durante a madrugada em 13 de agosto de 1961.

O Presidente Kennedy considerou mais plausível a hipótese de política da Guerra Fria, argumentando que a tentativa clandestina de desdobrar armamento estratégico fora do território soviético, em Cuba, consistia em uma deliberada, provocativa e injustificada mudança no Equilíbrio de Poder.

Continuando em sua análise, Allison (1971) imaginava seis possibilidades de reação por parte dos EUA. Estas seis possibilidades de reação, adotadas isoladamente ou em conjunto, seriam a possível “reação” norte-americana, na fase de “desenvolvimento”.

A primeira opção seria não fazer nada, o que possuía o aspecto negativo de demonstrar fraqueza aos aliados e à sociedade norte-americana, além de conceder mais tempo para as ações que poderiam estar se desenvolvendo por parte dos soviéticos e cubanos (ALLISON, 1971).

A segunda opção seria pressionar diplomaticamente, o que poderia ser considerado pouco efetivo (ALLISON, 1971).

A terceira opção era aproximar-se secretamente de Fidel Castro. Esta hipótese continha o perigo de não se conseguir o apoio esperado, além de poder expor publicamente o governo norte-americano em caso de alguma indiscrição por parte do governo cubano, o que era bastante provável (ALLISON, 1971).

A quarta opção era invadir Cuba e a quinta opção era desferir um ataque aéreo “cirúrgico” contra a ilha. Ambas as opções poderiam ser consideradas uso excessivo de Força, escalando a crise para um conflito nuclear (ALLISON, 1971).

A sexta e última opção era o estabelecimento de uma quarentena, espécie de bloqueio naval, mas que não poderia garantir a retirada efetiva dos mísseis já instalados (ALLISON, 1971). O Presidente Kennedy foi informado que os mísseis soviéticos não faziam diferença para o equilíbrio estratégico, apesar de fazerem enorme diferença na opinião pública (BALL, 1992).

Após analisar as possibilidades, ficou decidido que a “reação” norte-americana na fase de desenvolvimento da crise seria o estabelecimento de uma quarentena à ilha e que pressões diplomáticas seriam exercidas na Organização das Nações Unidas e na Organização dos Estados Americanos. Cabe ressaltar que, das quatro opções descartadas, duas tinham caráter eminentemente militar; a invasão de Cuba e o ataque aéreo cirúrgico. Em ambas não havia a possibilidade de se graduar o uso da força, o que poderia fazer com que a crise escalasse de forma incontrolável e se transformasse em um evento nuclear de proporções catastróficas.

Os tomadores de decisão do nível político tinham a ideia do que poderia ocorrer caso a intensidade das “confrontações”, na fase de desenvolvimento fosse desproporcional ou mal calculada. A única saída possível, pela via militar, que poderia graduar o emprego da força sem demonstrar fraqueza, foi o estabelecimento da quarentena, e ela só foi exequível porque a Marinha dos Estados Unidos da América continuavam com seu poder e credibilidade para exercer todas as tarefas, e não somente as atinentes às forças de ataque ou retaliatórias.

A cronologia dos fatos, apresentada no ANEXO deste trabalho, nos dá a noção da tensão envolvida e do desenrolar dos acontecimentos, deixando bastante claros quatro momentos distintos.

Em um primeiro momento, os norte-americanos perceberam o que estava ocorrendo em Cuba como “crise” quando foram informados da construção da base de mísseis na Ilha, configurando o “desafio” por parte dos soviéticos.

Em um segundo momento, logo após o primeiro, a “reação” apresentada foi o estabelecimento de uma quarentena, o que só foi possível tendo em vista que a Marinha dos EUA possuía meios em quantidade suficiente e adequados a empreender esta tarefa, e que esta Marinha inspirava credibilidade suficiente para que os custos do descumprimento fossem muito altos.

Em um terceiro momento, as “confrontações” ocorrem por meio das cartas entre os Chefes de Estado e pelas discussões no Conselho de Segurança das Nações Unidas. É importante ressaltar que essas “confrontações” ocorreram no campo diplomático, mas graças ao tempo proporcionado pela quarentena, com sua possibilidade de graduação do uso da força e permanência, garantindo a relativa estabilidade das condições na região até que fosse resolvido pelo nível político qual seria o desenrolar da crise.

E em um quarto e último momento, é atingido como resultado final um “acordo” para a retirada dos mísseis em troca da suspensão da quarentena e da promessa de não invasão de Cuba por parte dos norte-americanos. Com a liberação dos documentos secretos da época, ficou claro que o governo norte-americano assumiu um compromisso tácito de desmobilizar a base de mísseis Júpiter na Turquia, mas também fica clara a preocupação do governo com a opinião pública, ao não deixar que tal compromisso se tornasse público, o que poderia demonstrar fraqueza para a população. Não seria exagerado afirmar que, em consequência da tensão envolvida na Crise dos Mísseis (1962), foi assinado o Acordo do Telefone Vermelho, em agosto de 1963, que estabelecia uma linha de comunicação direta entre os líderes das duas superpotências, a ser usado em emergências.

Após a análise da Crise dos Mísseis (1962), desenvolvida ao longo deste capítulo, e com a compreensão do momento pelo qual o mundo estava passando, em particular a relação entre as duas superpotências, chegaremos, no próximo capítulo, à conclusão do trabalho.



## 6. CONCLUSÃO

Para se entender a complexidade do episódio estudado neste trabalho, há que se ter em mente a maneira como a existência de artefatos nucleares alterou a lógica dos conflitos, pois, pela primeira vez, o homem tinha em mãos uma arma que poderia encerrar não somente qualquer embate, mas também a existência da raça humana. Se a simples presença de tais artefatos já causava inquietude, a sua instalação, praticamente ao lado dos Estados Unidos da América, em uma nação comandada por um governante alinhado à ideologia oposta, assombrou a população. O fato dos mísseis instalados em Cuba possuírem ogivas nucleares afetou de forma significativa os acontecimentos no caso estudado.

A sociedade norte-americana, com seu amplo acesso à informação e seus ideais de liberdade e democracia, não poderia admitir uma ameaça tão próxima ao seu território, ainda que essa ameaça não representasse um perigo que já não pudesse ocorrer anteriormente, tendo em vista que a ex-URSS já possuía capacidade de atingir o território dos EUA. A sensação de insegurança causada pela instalação dos mísseis em Cuba, único país da América onde o comunismo conseguiu se desenvolver, era politicamente inaceitável. Ao mesmo tempo, também era insuportável ao Presidente Kennedy iniciar um conflito mundial, ainda mais com possibilidades nucleares. Kennedy tinha a responsabilidade de graduar a reação a este perigo e, para isso, precisava escolher cuidadosamente entre as possibilidades de reação possíveis ao desafio imposto pela instalação dos mísseis em Cuba. Desta maneira, o modelo da sociedade norte-americana é componente indissociável para a compreensão do caso estudado.

A decisão adotada pelo nível político foi a de pressionar diplomaticamente os soviéticos, mas sabiam que isso não seria o suficiente. Para se opor militarmente ao “desafio” proposto pela ex-URSS, os EUA resolveram estabelecer uma quarentena, espécie de bloqueio

naval, com os meios da sua Marinha. Esta ação militar foi a escolhida em função das características do Poder Naval de Flexibilidade, Versatilidade, Mobilidade e Permanência, que garantiram ao Poder Político o tempo suficiente para que as confrontações no campo diplomático, que tem seu ritmo próprio, pudessem ocorrer. O uso gradual da força foi fundamental, de modo a gerenciar o risco em níveis aceitáveis e se evitar a deflagração de um conflito armado. Assim, a compreensão das capacidades da Marinha dos Estados Unidos da América é determinante para o entendimento da solução dada ao caso estudado.

Os capítulos 2, 3 e 4, que explicam o contexto da Crise dos Mísseis (1962), se entrelaçam, pois a ação militar da quarentena só foi possível graças à capacidade dissuasória da Marinha dos EUA; a decisão pela ação militar e a firme intenção do governo norte-americano de manter sua posição foram influenciadas pela opinião pública; e o fato dos mísseis instalados em Cuba terem ogivas nucleares potencializou a percepção de ameaça por parte dos estadunidenses, escalando a crise.

Como qualquer trabalho científico, não se pode chegar a uma afirmação sobre o que poderia ter sido. Desta maneira, respondendo ao subtítulo da monografia, não seria correto afirmar que o Poder Naval norte-americano salvou o mundo de uma guerra nuclear, pois não se pode ter certeza que haveria uma guerra, nem mesmo que ela seria nuclear, caso houvesse.

Entretanto, após o levantamento bibliográfico, o estudo efetuado e significativa reflexão sobre os argumentos ora apresentados, pode-se afirmar que em um cenário de risco de confronto nuclear, o emprego do Poder Naval ainda permanece válido, como efetivamente foi no caso estudado. Indo além, pode-se concluir que o Poder Naval norte-americano foi empregado com grande sucesso na Crise dos Mísseis (1962), sendo o fator decisivo, mas não o único, para que o episódio não se transformasse em um conflito armado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLISON, Graham T., **Essence of decision – Explaining the Cuba missile crisis**, Harvard University Press, Estados Unidos da América, 1971.

ARENDDT, Hannah, **Sobre a Revolução**, Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

BALL, George W., **JFK's big moment**, New York Review of Books, 1992 <http://www.nybooks.com/contributors/george-w-ball/> acessado em 5/6/2015.

BLAINEY, Geoffrey, **Uma breve história do século XX**, Editora Fundamento Educacional – 2ª edição, São Paulo, 2011.

BRASIL, MINISTÉRIO DA DEFESA, **Doutrina Militar de Defesa – MD51-M-04**, Brasília, 2007.

BURLATSKIY, Fedor, **The Lessons of Personal Diplomacy, Problems of Comunism** <http://www.unz.org/Pub/ProblemsCommunism-1992q1-00008:11>, acessado em 5/6/2015.

ENTHOVEN, Alain C., e SMITH, K. Waine, **How much is enough? Shaping the Defense Program 1961-1969**, Rand Corporation Press, Estados Unidos da América, 2005.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA), **The Cuban missile crisis, October 1962**, US Department of State – Office of the Historian, 2013. <https://history.state.gov/milestones/1961-1968/cuban-missile-crisis>, acessado em 5/6/2015.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA), **The Truman Doctrine, 1947**, US Department of State, [2010?]. <https://history.state.gov/milestones/1945-1952/truman-doctrine>, acessado em 12/6/2015.

FRIEDMAN, Normam, **The fifty year war – Conflict and Strategy in the Cold War**, Naval Institute Press, Maryland-USA, 2007.

HOBSBAWN, Eric, **A Era dos Extremos – O breve século XX, 1914-1991**, Editora Companhia das Letras – 2ª edição, São Paulo, 1995.

KARNAL, Leandro, **HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS – das origens ao século XXI**, Editora Contexto, São Paulo, 2007.

KAUFMANN, William W., **Military Policy and National Security**, Princeton University Press, Estados Unidos da América, 1956.

KISSINGER, Henry, **Nuclear Weapons and Foreign Policy**, Editora The Norton & Company – Abridged Edition, Estados Unidos da América, 1969.

LIPPMANN, Walter, **How could the crisis be peacefully resolved?**, The Washington Post, 25 de outubro de 1962.

LIPPMANN, Walter, **US foreign policy: shield of the republic**, Pocket Books inc., Nova Iorque, 1943.

McDOUGALL, Walter, **Promissed land, crusader state**. New York: Houghton Mifflin Company, 1997 *apud* PECEQUILO, Cristina Soreanu, **A Política Externa Dos Estados Unidos**, Editora Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PARET, Peter, **Os Construtores da Estratégia Moderna - Tomo II**, Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 2003.

PAZZINATO, Alceu Luiz, e SENISE, Maria Helena Valente, **História Moderna e Contemporânea**, Editora Ática – 13<sup>a</sup> edição, São Paulo, 1999.

PECEQUILO, Cristina Soreanu, **A Política Externa Dos Estados Unidos**, Editora Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

POTTER, E. Belmont, **Nimitz**, Naval Institute Press, Estados Unidos da América, 2008.

ROSE, Lisle A., **Power at Sea – A Violent Peace, 1946-2006**, University of Missouri Press, Columbia, 2007.

WALTZ, Kenneth N., **The Use Of The Force – Military Powers and International Politics**, Rowman & Littlefield Publisher, 2009.

## ANEXO – CRONOLOGIA RESUMIDA DA CRISE DOS MÍSSEIS (1962)

A cronologia abaixo foi retirada dos registros da John F. Kennedy Presidential Library and Museum<sup>24</sup>, tendo sido conservados somente os principais eventos, com o objetivo de demonstrar o desenvolvimento histórico e os fatos fundamentais do desenrolar desta crise:

- 16 de outubro - Analistas da CIA confirmaram a evidência de que uma base de mísseis estava sendo construída em Cuba;
- 17 de outubro – O Presidente Kennedy recebe a visita do Ministro das Relações Exteriores Soviético, Andrei Gromyko, que assegura que os mísseis são puramente defensivos e não representam ameaça aos EUA;
- 20 de outubro – O Presidente Kennedy decide empreender a quarentena;
- 21 de outubro – O General Walter Sweeney, do Comando Aéreo Estratégico (SAC) informa que um ataque aéreo não pode garantir a destruição de 100% dos mísseis;
- 22 de outubro – O Presidente Kennedy informa a pessoas chave sobre o que está acontecendo e ativa o Comitê Executivo do Conselho de Segurança Nacional (ExCon). Uma primeira carta é escrita e endereçada ao Primeiro-Ministro Soviético Nikita Khrushchev, cujo teor fala sobre a determinação norte-americana, que uma guerra nuclear teria consequências catastróficas para todos, que não aceitaria alteração no Equilíbrio de Poder e da situação confusa em Berlim. Às 19:00h o Presidente fez um discurso na televisão informando sobre a situação e a declaração da quarentena;
- 23 de outubro – O secretário Edwin Martin apresenta uma resolução na OEA<sup>25</sup> dando suporte à quarentena, que é endossada. O embaixador Soviético na ONU<sup>26</sup> apresenta o assunto ao Conselho de Segurança. Robert Kennedy se encontra com o Embaixador

---

<sup>24</sup> Cronologia completa disponível em <http://microsites.jfklibrary.org/cmc/>, acessado em 19/5/2015.

<sup>25</sup> Organização dos Estados Americanos.

<sup>26</sup> Organização das Nações Unidas.

Soviético. O Primeiro-Ministro Soviético Nikita Khrushchev escreve uma carta ao Presidente norte-americano, afirmando que a quarentena é uma interferência sem respaldo, que os armamentos instalados ou a ser instalados em Cuba seriam meramente defensivos e que o ponto de vista do governo soviético seria transmitido ao embaixador norte-americano em Moscou. O Presidente Kennedy escreveu uma segunda carta, respondendo a que recebeu do Primeiro-Ministro Soviético Nikita Khrushchev, afirmando que o passo que iniciou a crise, o “desafio”, foi o fornecimento dos mísseis de longo alcance para Cuba, que a questão deveria ser discutida no Conselho de Segurança e que nenhuma das duas nações deveria dificultar a situação ainda mais, encerrando a carta afirmando que esperava que os navios em rota para Cuba não desafiassem a quarentena legalmente estabelecida pela OEA;

- 24 de outubro – O Primeiro-Ministro Soviético Nikita Khrushchev responde à segunda carta (a do dia 23 de outubro), afirmando que os Estados Unidos da América estariam tentando intimidá-los com o uso da Força;
- 25 de outubro – O Presidente Kennedy é informado que alguns mísseis em Cuba já estão operacionais e escreve uma terceira carta ao Primeiro-Ministro Soviético Nikita Khrushchev relatando a cronologia dos acontecimentos e lembrando que o governo soviético havia negado a existência dos mísseis em Cuba até que as evidências fossem apresentadas, sendo responsável pelo “desafio” nesta crise. Cargueiros soviéticos retornam à Europa, respeitando a quarentena, que permitiu a passagem de um navio-tanque que não transportava nada associado à base de mísseis. O embaixador soviético na ONU, Valerian Zorin, é confrontado pelo embaixador norte-americano, Adlai Stevenson, que apresenta fotografias que evidenciam os mísseis em Cuba;
- 26 de outubro – Fidel Castro, em carta ao Primeiro-Ministro Soviético Nikita Khrushchev, apela para que seja feito um primeiro ataque nuclear contra os Estados

Unidos da América em caso de invasão. O repórter John Scali, da rede americana ABC, é abordado pelo funcionário da embaixada soviética Aleksander Fomin com uma proposta de solução da crise. Khrushchev escreve uma carta longa ao Presidente Kennedy com a mesma proposta: a remoção dos mísseis de Cuba em troca da promessa de não invadir a Ilha e a suspensão da quarentena;

- 27 de outubro – Washington recebe uma outra carta de Moscou em termos mais duros que a do dia anterior, incluindo a remoção dos mísseis Júpiter da Turquia. Um avião U-2 é abatido, levando a morte do Major Rudolph Anderson. O Presidente Kennedy é pressionado a autorizar um ataque aéreo à base de mísseis em Cuba. Robert Kennedy se encontra com o embaixador soviético e afirma que os EUA aceitam os termos da carta do dia 26 de outubro, suspendendo a quarentena e prometendo não invadir Cuba em troca da retirada dos mísseis de Cuba sob a supervisão da ONU. Afirma ainda, que os norte-americanos poderiam retirar os mísseis Júpiter da Turquia, mas que isso não seria atrelado ao presente acordo e que esta última condição deveria permanecer em segredo.
- 28 de outubro – A rádio Moscou anuncia que a União Soviética aceitava os termos do acordo, retirando os mísseis de Cuba em troca da suspensão da quarentena e da promessa norte-americana de não invadir Cuba.